



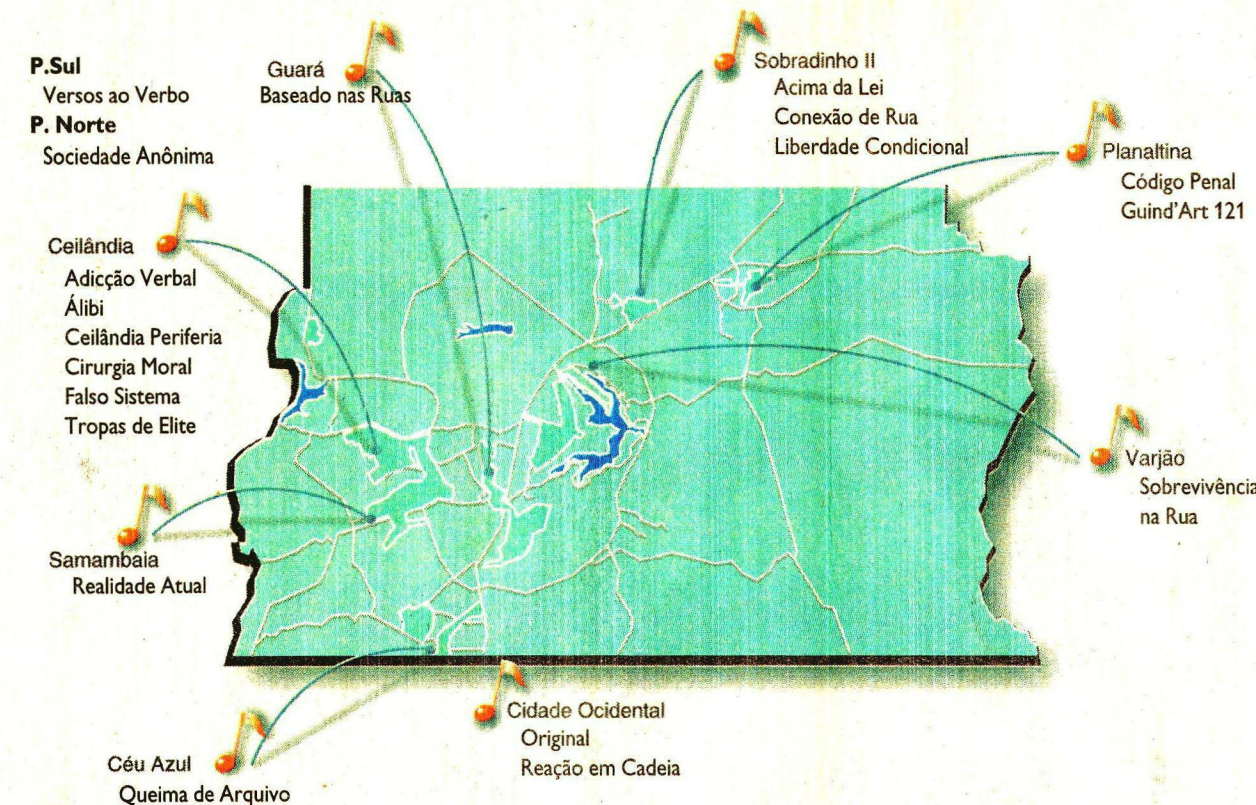
Barão, vocalista do grupo Versos ao Verbo e morador do P Sul, tem nas suas letras uma temática parecida aos dos colegas Rei e Lu, do Cirurgia Moral, que escrevem sobre a Ceilândia Norte (trecho acima)

Alexandre Machado e
Bernardo Scartezini
Da equipe do *Correio*

A CIDADE NÃO PÁRA, A CIDA-
DADE SÓ CRESCE. BRASÍ-
LIA SE ESPALHA E LEVA A MÚSICA
JUNTO. A EX-CAPITAL DO ROCK,
QUE VIU OS TRÊS ACORDES FLO-
RESCEREM NA ASA NORTE, AGORA
ASSISTE TRIOS ELÉTRICOS DESFI-
LAREM NA MICARECANDANGA.
MAS, LONGE DA CAPITAL, A TRI-
LHA-SONORA DO DISTRITO FEDE-
RAL É OUTRA. BEM OUTRA.

O movimento *hip-hop*, puxado pe-
la sua forma musical específica, o rap
(abreviação anglo-americana para
rhythm and poetry, "ritmo e poesia")
surgiu nos Estados Unidos na passa-
gem para os anos 80. Os negros ti-
nham, na teoria, seus direitos civis,
conquistados há apenas duas déca-
das. Na teoria. Negros, latinos e de-
mais minorias estavam (e estão) con-
finados a guetos nas grandes cidades.
No rap, encontraram a verbaliza-
ção musical de seu cotidiano. O
cotidiano da periferia.

Brasília também tem sua
periferia. E nela, as muitas
faces da pobreza — violên-
cia, criminalidade, drogas,
discriminação... O rap en-
controu terreno fértil no
Planalto Central. Brasília,
invertendo a lógica



nacional, já exportou rap para São
Paulo — a maior cidade do Brasil, a
maior periferia do país e, evidente, o
maior cenário nacional do gênero,
onde despontaram os quase *popstars*
Racionais MC's. De Brasília para SP,
foram-se o grupo Câmbio Negro e o
rapper e ex-bancário Gog. No cami-
nho inverso, o Consciência X
Atual, de Ribeirão Preto (SP),
está lançando seu álbum *Con-
tos do Crime* pela gravadora
candanga Discovery. E isso é
só o começo. Há ainda mu-
ito rap no Distrito Federal
(veja mapa acima).

A Ceilândia, de onde
surgiu o Câmbio Negro,
continua como desta-

que no cenário *rapper*. São de lá o Áli-
bi (grupo formado pelo pelos irmãos
Kabala e Jamaika, o último, dissiden-
te do Câmbio), o Cirurgia Moral e o
Falso Sistema. E tantos outros. "Na
Ceilândia existem cerca de 200 gru-
pos de rap", calcula Genivaldo Sou-
za, proprietário da loja/gravadora
Discovery, especializada no gênero. A
lojinha da Discovery, no Conic, é lo-
cal de encontro na hora do almoço
ou na saída do trabalho.

O rap também tem representantes
em Planaltina, Guará, Sobradinho,
Céu Azul, Samambaia, Varjão e vai
além dos limites do DF, chegando a
Cidade Ocidental, no entorno — terra
dos grupos Original e Reação em Ca-
deia. Enquanto o rock, a música baia-

na e o pagode disputam espaço no
Plano Piloto, a casa do samba é o Cru-
zeiro, e o *reggae* é forte em Taguatinga
e Guará, o rap, democraticamente,
tornou-se a forma musical que mais
se espalhou na geografia do DF.

A mensagem corre nos passos de
office-boys, serigrafistas, desempre-
gados, enfim, todos os que vivem a
realidade da periferia. Eles dão im-
pulso ao som que circula apenas em
rádios comunitárias e barraquinhas
de cachorros-quentes fora do Plano
Piloto. O som que faz as coisas muda-
rem. Ou tenta.

Afinal, o rap oferece argumentos
fortes. Rei, MC e letrista do grupo Ci-
rurgia Moral, certa feita, em 1994, en-
costou Genivaldo, da Discovery, con-

tra a parede. "Ou você me grava um
disco ou eu vou morrer, na rua ou na
prisão", ele disparou. Rei tinha aca-
bado de sair da 17ª Delegacia de Polí-
cia (da Ceilândia) depois de dois me-
ses de prisão — artigo 157,
assalto à mão. Logo mais
estaria com seu disco na
mão, *Cérebro Assassino*.
Hoje, fecha as contas do
lar como balconista da
Discovery.

Então, a arte cumpre
seu papel social. Pessoas
que antes trocavam tiros,
hoje trocam letras de músicas.
"Tive amigo que
dancou. Com drogas, ban-
didagem. Isso é normal,
não tem como você ser da
periferia e não conhecer
gente assim. Chance para
cair na marginalidade to-
dos nós já tivemos, e mu-
tas. Mas preferimos fazer
nossa música", conta o
rapper Mano Thim, 17
anos, integrante do Sobre-
vivência nas Ruas, do Varjão.

Mas nem tudo é paz na periferia
do rap. A violência dos que não en-
tendem a proposta dos *rappers* tem
fechado locais de shows. Como o an-
tológico Quarentão, galpão que era o
point funk-rapper na Ceilândia Cen-
tro. Mantido pela administração re-
gional, o Quarentão foi interditado
no governo Cristovam Buarque devi-
do às confusões nos bailes. O novo
governo ainda não deu sinais de rea-
bertura do lugar. E nem os próprios
rappers se animam em ver o local
funcionando novamente. "Esse lugar
cheira a sangue", comenta o vocalis-
ta do grupo Versos ao Verbo, Barão.

"O rap é a saída da marginalida-
de. Mas tem gente que não entende,
que acha que as letras glorificam os

bandidos e a violência. Não canta-
mos isso porque concordamos, mas
porque é o que existe", explica
Cláudio Raffaello Santoro, o DJ Raf-
fa, um dos pioneiros da cena local.

Ele mora na 107 Norte,
mas desde a adolescência
curte os bailes da perife-
ria. Bailes como os do pró-
prio Quarentão.

Quem faz rap precisa de
pouco e não larga o osso.
"Rap é Raça, Atitude e
Personalidade", define
Dourado, vocalista do Có-
digo Penal. Daher, cantor
do grupo Guind'Art 121
promete: "Tem quem ache
o rap muito radical. Mas a
gente não vai mudar nosso
jeito de cantar. Só quando a
periferia também mudar".

Mesmo com o cresci-
mento do hip hop no DF,
vozes experientes como a
de X, do Câmbio Negro, fa-
zem advertências. "As pes-
soas aproveitaram o *boom*
que houve com os Racionais MC's e
começaram a fazer rap. Tem muita
coisa boa. Mas a maioria é só modis-
mo. Não é minha intenção podar nin-
guém, mas o pessoal não está tendo
preocupação com as letras, nem com
a parte de produção musical", critica.

SERVIÇO

RESPEITO A QUEM MERECE
Terceiro CD do grupo Cirurgia Moral.

EXTREMA-UNÇÃO (É ISSO QUE VOCÊ QUER)
Segundo CD do grupo Código Penal.

LIVRE ARBITRIO
Segundo CD do grupo Guind'Art 121. Lan-
çamentos Discovery. Discos à venda na Disco-
very (Conic). Preço unitário: R\$ 15,00.

■ Leia mais sobre o rap do Distrito Federal na
página 3

A VEZ DA PERIFERIA